

Rocha de Matos na Universidade da Beira Interior

Ensino superior e empresa terão de se complementarizar

O presidente da Associação Industrial Portuguesa defendeu ontem a abertura da Universidade à reciclagem técnica e cultural dos empresários, numa intervenção feita na Universidade da Beira Interior, na Covilhã, ainda recentemente visitada pelo Primeiro-Ministro e que aí almoçou.

Falando perante empresários, estudantes e técnicos da região, Rocha de Matos preconizou também a participação da indústria e da agricultura na definição dos programas dos cursos superiores e a implementação de um vasto plano de estágios empresariais.

O presidente da AIP começou a sua intervenção por afirmar que «a Universidade e a empresa terão de ser mundos complementarizados, no sistema global de desenvolvimento da sociedade e da economia portuguesa, para sublinhar que ambos terão de harmonizar esforços no sentido da correcção e desenvolvimento das assimetrias, carências e vantagens da realidade nacional».

Rocha de Matos disse que «as indústrias e a agricultura, deverão representar, as-

sim, o terreno concreto da investigação, da pesquisa e da reflexão universitárias, e por isso, essa reflexão, pesquisa e investigação não podem ser abstratizadas, antes deverão, na sua parte mais substancial, aplicar-se concretamente às necessidades de desenvolvimento global do País, em suma, tornar-se mais pragmáticas».

A participação da indústria e da agricultura na definição dos «Curricula» dos cursos superiores, a implementação de um vasto programa de estágios empresariais e a abertura da universidade à reciclagem técnica e cultural dos empresários, foram preconizados por Rocha de Matos «na institucionalização do intercâmbio de experiências entre a empresa e a Universidade».

«Devo acentuar», prosseguiu o presidente da AIP, «que uma fecunda relação universidade-indústria proporciona aos jovens diplomados acrescidas possibilidades de realização profissional, seja no domínio propriamente empresarial, seja enquanto cientistas e investigadores. Simultaneamente, tal relação facilita a indispensável actualização e reciclagem dos gestores empresariais, única via para impedir a perda de competitividade por parte das nossas unidades industriais e agrícolas, a qual se tornou ainda mais importante com a nos-

sa integração na Europa da CEE».

Falando dessa integração, Rocha de Matos considerou que ela não se esgota no plano económico:

«Trata-se, antes de mais, de uma opção por um modelo, não só de organização da economia, mas também de ordenação do estado da sociedade e da mentalidade. Nesse quadro, porém, não há dúvida de que é decisivo o que está em jogo na esfera económica».

«O desafio europeu, apesar de ser ganho pelos portugueses se formos capazes de levar a cabo, acima de tudo, uma revolução de mentalidades», frisou o presidente da AIP, para adiantar que «importa fomentar uma nova maneira de encarar o risco e o lucro, a empresa e o investimento, a concorrência e o mercado e importa abandonar a tendência ancestral para o paternalismo de Estado, caminhando no sentido de termos menos Estado, mas melhor Estado».

Na sua análise à evolução recente da situação do País, o dirigente da AIP sublinhou que «não obstante as alterações decorrentes das revisões de 1982/83, a sociedade portuguesa continua a padecer dos males profundos da excessiva intervenção do Estado na economia, através da reserva de sectores, vedados à iniciativa privada, consagrados numa le-

gislação inadequada, através de um sector público globalmente deficitário, e através de uma actuação burocrática e desconfiada».

«A tudo isto contrapõe-se», juntou Rocha de Matos, um sector privado desapaolado, fortemente descapitalizado, enredado numa panóplia de incentivos extremamente deficientes, que tem vindo a ser atingido pelas medidas macroeconómicas restritivas, designadamente nas áreas de crédito e cambial, e pelas limitações da própria política económica; na verdade, passados todos estes anos, não foram adoptadas quaisquer medidas de alteração estrutural da economia portuguesa e isto, não obstante o processo de adesão à CEE, e as responsabilidades inerentes».

Referindo-se concretamente à Covilhã, Rocha de Matos salientou que «esta região terá um importante papel a desempenhar, tendo em atenção as grandes potencialidades nos campos agrícola e agro-industrial da Cova da Beira. O conveniente ordenamento desta região e uma adequada implementação de medidas susceptíveis de proporcionar o seu desenvolvimento, poderão constituir um factor importante de desenvolvimento regional, baseado numa estrutura produtiva moderna e competitiva em termos internacionais».

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Empresas e/ou Universidade